

De Salomão Sousa

Todo preâmbulo inaugura o medo.
São as luas, os rochedos ou
os abismos voluntários.
Permanecem pelos séculos
a dominar o infinito ou
a encher de orgias
a duração e a cárie.
Outros são os componentes
dos fuzis, dos afogamentos
no Tibre, dos saques aos caixas ou
da espessura da lingerie.
Das intrépidas e inúteis
folhas de guarda.
Primaveras unitárias
tragadas pelas boquilhas
seguem com os transeuntes,
raspam pelos lábios,
expelem erupções pelas nádegas.
Ninguém entende o furúnculo,
a harmonia das águas e das pétalas.
E se houvesse entendimento ou
a extinção da linha do tempo,
quem iria recolher o sal,
construir a alvura ou

estrear o lençol e a luz?
Quem iria preparar
o combate aos vândalos?
O que há é o medo
e a porta de ouro que não o extingue.

Em meio ao espelhamento das escolhas
acontecerá o excesso de luz a ressecar as ervas,
ideias que se ligam ao soco, às intrigas,
o cervo a assistir a velocidade dos bêbados.

Depois de o armamento transbordar do bernal,
utensílios dão para descarnar as faces,
cobrar nivelamento de nervuras.
O tratado rasgado, a volúpia dos relatos.
A renegada palavra que se precipita,
a reabilitada confiança de volta ao conflito.

No momento que temos a satisfação do pássaro,
do estrangeiro na sacada a traquinar feliz. Feliz.
Caem, não só nesses momentos, também de Dante,
os nossos crestados pés, o odor do filho,
o volume das polpas no branco, no brim dos seios,
caem as pálpebras de nossa mãe, o pó de nossas vigas.
Com o movimento dos remos, os comandantes.
A esquadra perfilada no porto dos encalhes.

Ah! a luz que resseca as ervas não perdoa o corvo;
invade os limites, danifica as trevas!

alguém sem pressa/com seios lerdos
assim sem repartir o leite ao fim do dia
assim chato de lembrar na hora decisiva
de abrir latas/comer as partes frias
na decisão inconteste/ah! escorregar
cair onde ficar em definitivo
sem ter de mover uma palha
ou chamar por Dayla/virar os olhos
esfregar linóleos/ai/óleo nos lábios
nos decotes invisíveis/implausíveis
ai! se vier a tromba d'água/ouvir as calhas
o orvalho silencioso nas dâlias
entre trempes/talhos encalhar
sem alguém para esquentar
as partes altas/as partes frias
quantos gigas têm o dia?
quantosbites a noite? quantas folhas?
ah! os brotos vagarosos/os seios lerdos
as cerdas dos sexos secos
as cordas espichadas moles/nem
nós/nem arritmia

as longas folgas na lentidão dos eixos
os colos sem ciências/sem superfície
e logo o amanhã se pronunciará
com a madeira podre/as portas cerradas
nos esgotos/o estrume de tutti crias

Tangido a estalos secos
 o cavalo ecoa no asfalto
 empurrado dentro do enfado
 Pressupõe um mundo que nada
 sem nódoas no verde
 O tempo dentro da viseira
 não existe nas laterais
 O espaço não passa
 de uma água incapaz
 de escapar aos canais
 A distância se acanha
 sem declarar aonde a chegada
 Pode ser onde for
 os corvos não acabaram
 Talvez montes de lixo
 sou a repugnância do estorvo
 Apavora desconhece
 quando será admitido beber
 e mesmo se haverá água
 Suplício não saber quando
 será dado o último estalo
 Angústia o desperdício da marcha
 levando nem mesmo ao atoladouro

A poesia é um dos meus nervos
 aquele mais sensível
 que move as minhas demais mãos
 os demais passos de meus pés
 Move as lâminas com as quais derroto
 os arrotos dos Hades do tédio
 com as quais não dou saís
 às cinzas dos rancores e das tragédias

Dos veios dos vales, das fêmeas?
 Quem não veio das heranças do sol?

Ainda são as retinas, as tiras de cor
 Há o miosótis, a pele, o espelho de chuva
 a seiva reluzente nas frondes humanas
 Com a poesia desponto do escuro
 embarco sem os grumos das ausências
 Fervo o sangue com os braços da poesia
 e com os nervos quentes das palavras
 Remo os barcos às margens dos homens

Mostrou os brotos de verdes extremos?
 Quem ainda não retesou os nervos?

SALOMÃO SOUSA (DISTRITO FEDERAL/GOAÍÍS) – Poeta. É autor de diversos livros, destaque para *A moenda dos dias/O susto de viver*, Ed. Civilização Brasileira 1980; *Estoque de relâmpagos*, Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária, 2002 e *Ruínas ao sol*, Prêmio Goyaz de Poesia, Ed. 7Letras, 2006. Produz textos críticos para jornais e revistas. Publicou em 2008, com recursos do FAC, o livro *Momento Crítico*, de textos críticos, crônicas e aforismos.